

O PAPEL DA COMUNICAÇÃO SINDICAL NA FORMAÇÃO POLÍTICA DOS TRABALHADORES

Eixo 01- Informação, desenvolvimento e sociedade

Maria Conceição da Silva LINHARES¹
Eduardo Bernardes de CASTRO²
Ártemis Barreto de CARVALHO³

RESUMO

Os diferentes tempos e espaços que marcaram a trajetória da formação política dos trabalhadores mostraram que são processos necessitados de informação, conhecimento e instrumentalização para a organização dos trabalhadores e para tal, os meios de comunicação desempenharam um papel fundamental na divulgação das ideias do movimento e das suas estratégias de luta. O presente artigo se propõe através de uma pesquisa bibliográfica discutir o papel da comunicação sindical na formação política dos trabalhadores. No primeiro momento situa historicamente a partir de Lênin, a imprensa operária em consonância com o contexto social e político que a envolveu como base para a organização dos trabalhadores, em seguida, reflete sobre o valor educativo da comunicação considerando as proposições de Paulo Freire (1983), Kaplún (2002), Ferreira (1988) e Lênin (1975) e no terceiro momento, a comunicação sindical como processo que envolve o diálogo interpessoal, as manifestações culturais, o fluxo interno de informações intermediados pelos meios de comunicação com base em Momesso (1986, 2014), Vieira (1996) e Giannotti (2014). Conclui-se que a comunicação sindical conduz à formação política do trabalhador ao proporcionar uma visão ampla da realidade e através dela desenvolver a consciência e conjecturar a luta de classe.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação sindical, formação política, organização dos trabalhadores.

ABSTRACT

The different times and spaces that marked the trajectory of the political formation of the workers showed that they are processes in need of information, knowledge and instrumentalization for the organization of the workers and for this, the media played a fundamental role in spreading the ideas of the movement and their strategies of struggle. This article proposes through a bibliographical research to discuss the role of trade

¹ Universidade Federal de Sergipe- UFS; Doutoranda em educação; Grupo de Pesquisa Educação e Movimentos Sociais; e-mail: mcslinhares@gmail.com

² Universidade Federal de Sergipe- UFS; Doutorando em educação; Grupo de Pesquisa Educação e Movimentos Sociais; e-mail: eduardo.bernardes.castro@gmail.com

³ Universidade Federal de Sergipe- UFS; Doutorando em educação; Grupo de Pesquisa Educação e Movimentos Sociais; e-mail: artemis@infonet.com.br

union communication in the political formation of workers. In the first moment, it locates historically from Lenin, the workers' press in line with the social and political context that involved it as the basis for the organization of workers, then reflects on the educational value of communication considering the propositions of Paulo Freire (1983), Kaplún (2002), Ferreira (1988) and Lenin (1975), and in the third moment, trade union communication as a process involving interpersonal dialogue, cultural manifestations, the internal flow of information mediated by Momesso (1986), 2014), Vieira (1996) and Giannotti (2014). It is concluded that the union communication leads to the political formation of the worker by providing a broad view of reality and through it to develop awareness and conjecture class struggle.

KEYWORDS: Trade union communication, Political training, Organization of workers.

1 O papel da comunicação na formação política dos trabalhadores

... a maioria dos operários havia trocado a escola pela fábrica e pela oficina aos 6 e 7 anos de idade, para ajudar seus pais a sustentar a prole. Por isso, os mais ilustrados tinham que ler os jornais e prospectos em voz alta, em grupo, nos locais de trabalho, às horas do 'almoço' ou nas sedes das associações para que a maioria de analfabetos pudesse ouvir, compreender as ideias, os métodos de luta, memorizá-los, assimilá-los!

Edgar Rodrigues, 1992

Os diferentes tempos e espaços que marcaram a trajetória da formação política dos trabalhadores mostraram que são processos necessitados de informação, conhecimento e instrumentalização para a organização dos trabalhadores e para tal, os meios de comunicação desempenharam um papel fundamental na divulgação das ideias do movimento e das suas estratégias de luta.

Dos instrumentos de comunicação oral expandida pelo auto falante, passando pela materialização da informação nos panfletos, jornais, revistas e tantos outros até os meios digitais em consonância com as suas funções, características e linguagens, com o contexto social e político que os envolve e as implicações destes nos movimentos e entidades de trabalhadores, o uso destes instrumentos situados historicamente correspondem ao papel da comunicação na organização dos trabalhadores.

A jornalista e pesquisadora Cláudia Costa (2010) ao falar da comunicação sindical no Brasil revela que as publicações sindicais foram porta-vozes das histórias pelas quais passaram os movimentos sindicais e por meio delas identifica-se as políticas definidas em cada momento. Toni André Scharlau Vieira (1996) ao discutir a comunicação sindical enfatizando uma proposta política para as entidades, afirma que a história da organização dos trabalhadores brasileiros se confunde com a história da comunicação sindical e popular. Maria Nazareth Ferreira (1988) considera que a imprensa operária e o movimento operário estão interligados através das lutas da classe trabalhadora na construção de sua história. Perspectiva direcionada a todos os países, inclusive o Brasil. Para a autora, a comunicação sindical praticamente se confunde com a atividade sindical. Para Luiz Momesso (2014), a comunicação sindical está presente nas tentativas de convencimento de companheiros de trabalho, na organização, nas assembleias, nas mobilizações, no conjunto da vida sindical. Em outras palavras, ela é orgânica, é uma das atividades constituintes da vida sindical.

A imprensa operária nasce com a expansão da Revolução Industrial em meados do século XIX mediante o desenvolvimento do capital industrial. De acordo com Costa (2010), isso acontece principalmente, nos países europeus, a partir de levantes do proletariado contra as jornadas extenuantes de trabalho feminino, o fim do trabalho infantil, as folgas semanais e a instituição de um salário mínimo.

A imprensa operária consolida-se sob a orientação de partidos operários com visão socialista, tendo como inspirador, o líder da Revolução Russa, Vladimir Ilyich Ulyanov (Lênin). Para ele, a imprensa através do partido seria o meio para fazer a luta de classe e disputar a hegemonia com a classe dominante, cuja experiência com estes meios já denotava as suas potencialidades. O tema comunicação está presente em vários textos que compõe a sua obra, principalmente em *Acerca de la prensa* (1901) e refletem sobre o papel da imprensa operária na mobilização, politização e organização da classe trabalhadora.

Maria Nazareth Ferreira, no livro “Imprensa operária no Brasil” (1988) observa que a imprensa operária estará sempre ligada a alguma forma de organização dos trabalhadores, seja liderada pelo partido, sindicato ou qualquer outra forma de agremiação. Para a autora, esse veículo de comunicação da classe operária não tem proprietário, seja representante do sindicato ou do partido, e o conteúdo por ele

veiculado “é resultado do conjunto de informações, preocupações, propostas, etc. produzido pela coletividade e para ela mesma” (p. 14). Desse modo, a mensagem não se situa como uma mercadoria a ser consumida como faz a imprensa burguesa.

Para Lênin (1975), a imprensa operária através do partido é a base da organização dos trabalhadores. Além de difundir ideias, de educar politicamente e de conquistar aliados políticos, ela deveria ser um propagandista, um agitador e, sobretudo, um organizador coletivo. Posição sustentada num artigo escrito em 1899, um ano após a criação do Partido Operário Social-Democrata⁴ da Rússia. Nele, Lênin destaca que a tarefa imediata do partido era elaborar formas convenientes para unificar a luta, pois reconhece que o trabalho local desenvolvido em várias partes da Rússia com a ajuda de panfletos para disseminar as ideias sociais-democratas foi importante para elevar o nível de consciência dos trabalhadores, mas insuficiente para a unidade da classe operária e, portanto, para disputar a hegemonia.

Insuficiente porque para Lênin esse primeiro passo despertou na classe operária o desejo de denunciar as arbitrariedades de ordem econômica cometidas nas fábricas, mas não avançou no passo seguinte que era “despertar em todas as camadas populares medianamente conscientes, o desejo de denunciar as arbitrariedades de ordem política”, (Lênin, 1975, p. 48) e fecundar um movimento unificado, de classe.

Mas para que a organização dos trabalhadores se efetivasse numa perspectiva de classe, Lênin enfatizava que deveria ser conduzida por um órgão central orientado às massas pelo partido. Um órgão que veiculasse uma comunicação que unificasse as lutas, os problemas locais com os gerais, os econômicos com os políticos formando um laço de união comum.

Logo, se nota que comunicar era preciso. Mas, por onde começar?

Segundo pensamos, o ponto de partida para a atividade, o primeiro passo prático para a criação da organização que desejamos e, finalmente, o elo fundamental que nos permita desenvolver, alargar e aumentar incessantemente essa organização deve ser a criação dum jornal político para a toda a Rússia. Antes do mais, precisamos dum jornal; sem ele não será possível realizar de maneira sistemática um trabalho de propaganda e de agitação múltipla, baseado em sólidos princípios que em geral constitui a tarefa principal e permanente da social-democracia. (LENINE, 1975, p. 46)

⁴ A tarefa da Social-Democracia segundo Lênin (1979) a partir da definição de Kautsky sob as ideias básicas do Manifesto Comunista é introduzir no movimento operário espontâneo determinadas ideias socialistas e ligar este movimento com as convicções socialistas.

As observações de Lênin a respeito do jornal como meio de comunicação de classe, foi conduzida porque dentre os instrumentos disponíveis da época, era o que dispunha de qualidade técnica para acomodar material abundante, variado e atualizado a respeito das experiências do movimento operário e da vida política do país, o que nestas circunstâncias, o situa pedagogicamente como um jornal político por carregar consigo através da palavra impressa a força da história de luta dos trabalhadores e por extensão, a força coletiva revolucionária.

Embora as condições referentes ao tempo - século XIX (período de forte repressão a qualquer ideia e a qualquer organização que falasse de revolução) e ao espaço material da informação/comunicação – o jornal impresso - não acomodasse fisicamente a escrita pela massa de trabalhadores, como hoje pode se concretizar através dos espaços interativos da internet, como as redes sociais digitais, mas a sua voz ecoava firmemente através das queixas, denúncias e protestos realizados pelos trabalhadores através de correspondências enviadas à redação do órgão.

Para Lênin (1975), a participação do trabalhador e o “intercâmbio de experiência, de materiais, de forças e de recursos” (p. 91) possibilitados pelo jornal é o que o torna num órgão vivo, de discussão, de conscientização e não apenas de divulgação⁵. Nesse sentido, o receptor conforme acentua Ferreira (1989, p. 6) “não é um elemento passivo, mas alguém que tem interesses comuns e participa da mesma forma de organização”. Ação que o leva a sentir-se integrante do processo de comunicação, mobilizado pela informação porque se vê nele, reflete a sua vida cotidiana, o seu trabalho e os descontentamentos provenientes das relações nesses âmbitos. Dessa forma, o jornal é escrito com eles por meio de uma agitação política viva, como salienta Lênin e não para eles como fazem os jornais tradicionais.

2 O valor educativo da comunicação

A perspectiva da escrita construída com a participação da massa de trabalhadores formando uma rede de comunicação pautada no esforço coletivo de firmar um

⁵ Reflexão elaborada a partir do conteúdo de uma carta escrita por Lênin em 1904 destinada aos camaradas a respeito da fundação de órgão do movimento operário na Rússia.

compromisso político, desenvolver a consciência e por seu intermédio, a intervenção no meio com vistas à sua transformação, revela o valor educativo da comunicação. Representação que segundo Vito Giannotti (2014), está presente na história da humanidade há muito tempo, mas se tornou muito presente no Brasil, na segunda metade do século XX com as elaborações de Paulo Freire.

Para Freire (1983) o valor da comunicação está na ação comunicativa entre o homem e o mundo do qual faz parte, o que implica numa relação dialógica e problematizada da realidade. Relação necessitada de diálogo, de discussão, de reflexão, de encontro entre os sujeitos que buscam a compreensão real e crítica da realidade para assim, agir sobre ela.

Desse modo, a comunicação é constitutiva do conhecimento humano; dela resulta um processo formativo, no qual subjaz uma concepção de educação considerada por Freire como verdadeira educação por ser libertadora, dimensão política consolidada pela conscientização crítica da realidade.

Assim, para Freire, a educação é comunicação, o diálogo ação de mão dupla, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados. (Freire, 1983, p. 68) Desse modo, toda ação educativa ainda que se realize sem o uso dos meios é para ele um processo comunicativo.

Conjectura contrária à transferência da informação e a persuasão para a sua aceitação, pois neste formato está implícito uma proposta de extensão e não de educação como propõe Freire por se situar como domesticadora e dominadora a que põe e impõe mecanicamente a informação conforme a sua posição e, ainda, se utiliza de mecanismos de persuasão à sua conformação.

Acomoda-se nessa proposta uma educação manipuladora, cujo modelo segundo Kaplún (2002) se baseia numa educação de efeito em que persuadir é o elemento chave para condicionar o indivíduo a um determinado resultado. Geralmente faz-se uso de meios e de técnicas que atendam ao objetivo da persuasão e por ela mudar a mentalidade e o comportamento humano. Nessa direção,

[...] a tendência do extensionismo é cair facilmente no uso de técnicas de propaganda, de persuasão, no vasto setor que vem se chamando “meios de comunicação de massa”. Em última análise, meios de comunicados às massas, através de cujas técnicas as

massas são conduzidas e manipuladas e, por isto mesmo, não se encontram comprometidas num processo educativo-libertador. (FREIRE, 1983, p.72, grifo do autor).

Freire (1983) observa que esse processo é acometido pelo fenômeno da invasão cultural ao submeter a visão do mundo daqueles que levam, despejam, transferem e desse modo se superpõe à daqueles que passivamente recebem. Processo que tira do sujeito a autonomia, a possibilidade da elaboração pelo exercício da troca, da reflexão acerca de si e da realidade que o envolve e da realização da práxis, processo fundante desta relação.

Uma mensagem de comunicação educativa deveria ser sempre de alguma maneira explícita ou implicitamente, um diálogo com o destinatário em que este se reconhece, intervém, participa, vai fazendo as perguntas que cada novo elemento o suscita e o levam a dar junto com o comunicador o passo seguinte; nunca, pelo contrário, uma série de afirmações, uma sucessão de informações e conclusões já previamente processadas, comprovadas e “mastigadas” por seu autor (KAPLÚN, 2002, p. 125 grifos do autor)⁶.

Comunicar nessa perspectiva é um grande desafio, pois o diálogo com a informação, como por exemplo, fazer distinção, notar posições e imposições, explicar, problematizar, avaliar e criticar é relação fundante para a compreensão do valor e do sentido de sua significação. Apropriação necessária para sair de uma percepção ingênua das coisas em direção a uma percepção real, enxergando nexos, relações e posições que a informação carrega na dinâmica de sua veiculação na apresentação, conceituação e materialização.

O acesso a informação alimenta a esperança do diálogo educativo/comunicativo, crítico e transformador, processos e relações entrepostos a informação devido a capacidade humana de cognitivamente armazená-la, relacioná-la, processá-la e entendê-la. Conceder ao homem informação é via para compreender a realidade e agir sobre ela; outrossim, a necessidade de informação é campo político para a sua atuação.

⁶ Un mensaje de comunicación educativa debería ser siempre de alguna manera, explícita o implícitamente, un diálogo con el destinatario en que este se reconoce, interviene, participa, va haciéndose las preguntas que cada nuevo elemento le suscita y lo llevan a dar junto con el comunicador el paso siguiente; nunca, por el contrario, una serie de afirmaciones, una sucesión de infomaciones y conclusiones ya previamente procesadas, comprobadas y «masticadas» por su autor.

Acomoda-se sob essa perspectiva o potencial emancipador da informação, no qual rege-se a necessidade de sua transmissão como possibilidade de acesso ao saber e a igualdade entre os homens e, assim, torná-los conhecedores dos seus direitos como pessoa e cidadão. Para Maria Alice Guimarães Borges ter acesso a informação e ao saber pode lhes dá a condição para o enfrentamento aos problemas, muitas vezes elementares que por desconhecimento os coloca em condição de miserabilidade e de exclusão de oportunidades de sobrevivência digna que a sociedade oferece (Borges, 2000).

Na contramão desse processo, a carência de informação ou negação/imposição a mesma é via para a alienação retratada no desconhecimento de direitos, processos e entraves que regem a vida, expressa no trabalho, na educação, nos meios de comunicação ou noutra situação. Falta-lhes a condição para analisar criticamente a realidade e identificar nela os processos e contradições que a constitui.

Não obstante, os meios de comunicação como as mídias e as novas tecnologias da informação e comunicação, podem ser aliadas potenciais na mediação e democratização da informação e da comunicação e “alimentadores de um processo educativo transformador” (KAPLÚN, 2002, p. 15) se o uso contribuir para fomentar espaços plurais e descentralizados de aprendizagem.

Embora não haja a universalidade de acesso a informação e a sua manipulação conforme anuncia a chamada “sociedade da informação” refletindo uma imagem de que através do ciberespaço todos estão interligados, denotando um acesso livre e ilimitado, independente de suas condições, limitações e particularidades, incluindo a mercantilização da informação. Salve essas reservas, as redes digitais podem contribuir para fomentar espaços plurais comunicação/educação.

A pesquisadora Maria Fátima Monte Lima nos chama a atenção de que é importante usar a telemática e suas ferramentas de comunicação para acompanhar e entender a volatilidade das informações, das certezas provisórias, características dessa sociedade globalizada, onde impõe que os sujeitos que dela fazem parte desenvolvam competências para viver nesse mundo de incertezas, criando novas formas de incentivar os diferentes saberes, a fim de estimular a produção local, como uma marca de identidade num mundo globalizado (Lima, 2002).

O uso dos diferentes meios de comunicação pelos trabalhadores, incluindo os digitais sob essa proposição abre caminho para debater alternativas, fazer protestos, esclarecer situações, mobilizar e organizar a luta, principalmente se possuírem uma estrutura aberta, que acomode a convergência de tecnologias e de linguagens como a que possui a internet e seus ambientes interativos, como as redes sociais. Visto que,

a convergência tecnológica propiciada pela tecnologia digital torna-se possível o uso de uma linguagem comum: um filme, uma chamada telefônica, uma carta, um artigo de revista, qualquer deles pode ser transformado em dígitos e distribuído por fios eletrônicos, microondas, satélites [...] com a digitalização o conteúdo torna-se totalmente plástico, isto é, qualquer mensagem, som, ou imagem pode ser editada e alterada, parcial ou totalmente, tanto na forma como no conteúdo (JAMBEIRO, 2004, p. 76)

Um exemplo das possibilidades da internet e de redes interativas como valor à comunicação, mas sem a pretensão de fazer uma avaliação aprofundada da sua intervenção na formação política da população brasileira e, em especial, da classe trabalhadora, foi a ampla movimentação realizada nessas redes através dos sites, blogs e *facebook* a respeito das profundas transformações e regressões aos direitos sociais e trabalhistas dos últimos acontecimentos no Brasil com a emenda constitucional 241/55 que limitam investimentos em educação, saúde e assistência social, bem como, a Medida Provisória 746/2016 que prevê a reforma do ensino médio sem discussão com a sociedade, na qual o rol de mudanças encaminha a valorização do ensino técnico em detrimento do propedêutico e como consequência, a não garantia à universidade pelos estudantes das escolas públicas brasileiras.

As manifestações na internet aconteceram através de abaixo-assinados *on-line* contra as mudanças, vídeos explicativos e de análise crítica sobre as propostas de mudanças e os efeitos à população, entrevistas com especialistas analisando as questões, publicações da mesma natureza nas redes digitais dos sindicatos, das universidades e organizações em geral, em sites e *blogs* de esquerda como o da Carta Capital, o do Núcleo de Piratininga de Comunicação, o da Boitempo, dentre outros e dentre outras formas de manifestação mostram a multiplicidade de linguagens, a abertura para a interatividade, a celeridade na atualização dos dados, etc, assinalam o potencial

emancipatório da comunicação nessas redes e em particular, da comunicação operária e sindical.

A compreensão da comunicação como processo educativo também está presente na concepção de Ferreira (1988, p. 6) acerca da imprensa operária ao considerar o jornal instrumento de informação, conscientização e mobilização. A articulação dos processos e ações que envolve o jornal sob essa perspectiva pressupõe indagação, esclarecimento, conhecimento, reflexão e interação; elementos intercambiadores ao desenvolvimento da consciência e por seu intermédio, da atividade política. Movimento que o posiciona como instrumento de comunicação/educação da classe trabalhadora.

Essa proposição é ampla pela dimensão política e pedagógica que a alicerça e também pelo alcance proposicional que a dimensiona, conforme Ferreira (1989) à toda a classe trabalhadora, seja ou não escrita por ela, mas para ela. Nesse sentido, tudo que se refere ou fere (a)os trabalhadores (crônicas a respeito da vida diária do trabalhador de profissões variadas, depoimentos acerca da violência no ambiente de trabalho, denúncia de pressão no âmbito da produção, sobre os sindicais, referentes aos aspectos econômicos) é informação à comunicação do trabalhador. Processo que conduz à socialização e à formação porque deriva dele a reflexão, o conhecimento e a ação.

A dimensão educativa da imprensa operária considerada como instrumento de educação/comunicação envolvendo informação de aspectos variados, inclusive os sindicais se faz necessário para que conforme Lênin, o trabalhador tenha uma visão ampla da realidade e através dela possa desenvolver a consciência e conjecturar a luta de classe. Proposição que o fez considerar a necessidade de que todo jornal de perspectiva socialista dedique uma seção à luta sindical (econômica), mas essa não deve acomodar a discussão acerca dos pormenores sindicais, visto que estes “só interessam especialmente aos operários dum ofício determinado” (p. 68), e não a todos como propõe a imprensa operária.

3. Comunicação sindical

O surgimento da imprensa sindical segundo os referenciais leninistas deveu-se ao crescimento do movimento sindical e com ele a diversidade das especificidades da luta que o norteia. Para Lênin (1975), a discussão acerca dos pormenores sindicais, como as condições de trabalho em cada ofício, as diferenças nesse campo nos diferentes

lugares, as reivindicações dos operários duma profissão determinada, as deficiências da legislação que a ele se refere e os casos distintos da luta econômica dos operários, dentre outras questões é função da imprensa sindical. Cabe aos sindicatos, portanto, a tarefa de estabelecer a comunicação sindical entre os trabalhadores.

Assim, os problemas, as lutas, as reivindicações sindicais, etc. são o conteúdo de sua comunicação, é, portanto, orgânica à vida da entidade, como observa Luiz Momesso (1986). Para ele, abordar a comunicação sindical focalizando apenas os meios e canais sem levar em conta a sua relação com a vida orgânica da entidade gera a convicção de que um material de comunicação tecnicamente bem feito, a comunicação fica resolvida. Alerta o autor: “Dessa ilusão decorre a decepção” (p. 41), o jornal, por exemplo, pode não ser lido e não surtir o efeito esperado. E acrescentamos, o site pode não ser acessado e os posts, não curtidos, compartilhados e comentados.

Isso não quer dizer segundo Momesso (2014) que a qualidade técnica na comunicação sindical não tenha importância, pelo contrário, ela é assegurada, desde que não seja dissociada da dinâmica da vida sindical. Relação necessária para conduzir o valor da técnica ao da comunicação e perseguir o objetivo que se propõe: comunicar para fazer chegar aos trabalhadores as suas lutas, ideias e ideais e por meio delas, a organização e a ação para a transformação.

Kaplún (2002) ao refletir sobre a comunicação como processo educativo também enfatiza que na elaboração de um bom material educativo o conhecimento da técnica é indispensável, mas acrescenta só ela não dá, é preciso conhecer princípios educativos

Ao conceituar a comunicação sindical como um “conjunto de instrumentos e ações utilizados pelas entidades sindicais para se comunicar com a sociedade”, Toni André Scharlau Vieira (1996, p. 9) também anuncia, embora de modo subliminar que o uso da técnica com fim nela mesma não alcança o objetivo que a constitui: comunicar. Na comunicação sindical, além da variedade de instrumentos, atributo que sai do limite dos que são acomodados pela expressão “imprensa sindical” e amplia para outros, como os eletrônicos e os digitais, o diálogo interpessoal, as manifestações culturais, o fluxo interno de informações, etc. são ações e movimentos que também devem ser levados em conta.

Se esses elementos forem considerados na comunicação sindical, os instrumentos que a conduzem serão verdadeiros órgãos da entidade contribuindo para a formação política dos seus membros e usuários. Por isso, alerta Giannotti (2014) precisamos conhecer bem cada instrumento, cada pedra do mosaico que constitui a comunicação sindical: seja jornal, livro, cartilha, carro de som, vídeo, bandeiras, pichação, boletim eletrônico, *site*, *blog*, *twitter*, *facebook*, *whatsapp*, etc. Precisamos conhecer suas funções, linguagens, formatos, potencialidades e limites para fazer as conexões certas para atender os objetivos, as necessidades e os sentidos da comunicação que se propõe.

Assim, um instrumento que agrega riquíssimas possibilidades para uma situação pode ser inadequado para outras. O relato da jornalista Cecília Gomes do Sindicato Químicos Unificados (SP)⁷ a respeito das experiências na comunicação deste sindicato nos ajuda a compreender a especificidade dos meios.

Além deste jornal [Jornal Químico Unificados], eventualmente utilizamos boletins do Unificados quando uma notícia tem a necessidade de chegar rapidamente até a base, antes do período previsto para fechamento do jornal. Essa situação é mais frequente durante o período de campanha salarial, quando as rodadas de negociação ocorrem em um curto intervalo de tempo. Durante as mobilizações de junho/julho e 2013 também lançamos mão de um tabloide especial para tratar das pautas dos trabalhadores neste contexto histórico. A luta contra os projetos de lei para legitimar a terceirização em todos os setores também ganhou um jornal específico e em formato mais breve para as mobilizações das quais o Unificados participou, junto com outras categorias profissionais. (GOMES, 2014, p. 35)

A necessidade da notícia chegar rapidamente a base e por ela, informar, mobilizar e conscientizar foi também o que conduziu a Associação dos Docentes da Universidade Federal de Sergipe – ADUFS – SSIND produzir boletins de 6 páginas, com publicação semanal e tiragem de 1000 exemplares no período de 17 de maio a 31 de agosto referente a greve dos docentes das universidades federais. Processo conduzido por informações e discussões sobre temas diversos, porém todos amarrados ao movimento e à situação social e política que o envolveu. Informações que iam desde a

⁷ O Unificados reúne os sindicatos dos trabalhadores nas indústrias químicas, farmacêuticas, ceramistas e abrasivos nas cidades de Campinas, Osasco e Vinhedo e regiões.

agenda de atividades à discussão sobre o porquê da greve, a precarização do trabalho docente, formação política, o posicionamento do governo frente a educação pública, dentre outros. O processo de eleição para a gestão 2012-2014 deste sindicato também ganhou um boletim especial, no qual foi apresentado entrevista com as candidatas à presidência e as propostas de trabalho das chapas com o objetivo de informar e mobilizar os docentes a participarem de forma consciente do processo de escolha dos rumos do seu sindicato.

Os exemplos nos mostra que saber o porquê, o para quê, o como e quando usar determinado instrumento em detrimento de outros é um saber necessário para conduzir o uso consciente e valorativo à comunicação, bem como à formação determinado pela situação.

Considerações finais

O uso adequado dos meios pelas entidades sindicais condizente com o entendimento da comunicação como processo educativo conforme as reflexões de Freire (1983) e Kaplún (2002) acomodando a interação com a informação, sendo esta precedida de problematização, envolvendo as múltiplas determinações que regem a realidade é ambiência fecunda para a formação política dos trabalhadores.

A formação política propicia a compreensão da realidade para além do que se apresenta como dada, evidente e natural, enxergando nexos e relações que escondem informações e condicionam visões, percepções e posições. Desse modo, as práticas de comunicação, como as apresentadas nos exemplos acima, acomodam processos de formação que potencializam dentre outras coisas, à compreensão de que os efeitos das pautas reivindicatórias e das mudanças no mundo do trabalho não afetam somente aos trabalhadores ligados diretamente a elas, mas à toda população.

Nesse sentido, as ações de formação política realizada no sindicato através de cursos, reuniões, assembleias, congressos, palestra, informativos, etc., mediadas por instrumentos de comunicação sob a condição de utilização mediante o conhecimento de suas limitações e potencialidades, somados à percepção de que a comunicação é educativa, como sublinha Freire (1983) e Kaplún (2002) e que, portanto, para subsidiar um processo de formação para a transformação precisa ser participativa,

problematizadora e questionadora para resultar em reflexões, interações e ações conscientes e condizentes com o cenário político, social e econômico em que se vive.

Referências

BORGES, Maria Alice Guimarães. A compreensão da sociedade da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 29, n. 3, p. 25-32, set./dez. 2000. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/214>>. Acesso em: 23 abr. 2013.

COSTA, Claudia. **Comunicação sindical no Brasil: breve resgate e desafios**. São Paulo: Ed. Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2010.

FERREIRA, Maria Nazareth. **Imprensa operária no Brasil**. São Paulo: Ed. Ática, 1988.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. 7 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GIANNOTTI, Vito. **Comunicação dos trabalhadores e hegemonia**. Núcleo de Piratininga de Comunicação: São Paulo, 2014.

GOMES, Cecília. A experiência do Sindicato dos Químicos Unificados (SP). In: 20º Curso do Núcleo de Piratininga de Comunicação (NPC). **Comunicação dos trabalhadores e hegemonia**, Rio de Janeiro: NPC, 2014.

KAPLÚN, Mário. **Una pedagogía de la comunicación** (El comunicador popular). La Habana: EDITORIAL Caminos, 2002.

JAMBEIRO, Othon. O brasil na sociedade da informação: bases para um esquema de análise. In: JAMBEIRO, Othon, BOLAÑO, César, BRITTOS, Valério. **Comunicação, informação e cultura: dinâmicas globais e estruturas de poder** (Orgs.), Salvador: Edufba, 2004, p. 67-83.

LENINE, V. L. **Informação de classe: a natureza classista da informação**. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1975.

LIMA, Maria de Fátima Monte. **No fio da esperança: políticas públicas de Educação e Tecnologias da Informação e da Comunicação**. Tese de Doutorado em Educação e Comunicação – Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, setembro de 2002, 410p.

MOMESSO, Luiz. **A importância da imprensa nos sindicatos**. Debate Sindical, n. 1, maio 1986, p 30-36.

MOMESSO, Luiz. **Comunicação sindical: limites, contradições e perspectivas**. 2 ed., Recife: Editora Universitária da UFPE, 2014.



18 a 20 de Outubro de 2017
UNIT - ARACAJU/SE

ANAIS
ISSN: 2179-4901

VIEIRA, Toni André Scharlau. **Comunicação sindical**: proposta de uma política para as entidades. Canoas: Ed. ULBRA, 1996.